

# Sardão de cabeça azul

Só existe na Península Ibérica e é visto com simpatia por quem o olha mais de perto. O lagarto-de-água foi tema de doutoramento de Raquel Godinho, bióloga. Em dois dedos de conversa, a investigadora dá todas as dicas para se compreender o interesse da sua conservação...

O carro acelera e ergue uma nuvem de pó. Naquele caminho da serra de Monchique quase roça noutra automóvel, que tem de parar. Alvorçado, antes de prosseguir, o condutor vê na margem do ribeiro em baixo alguém esticado no chão. É uma mulher! Sai do carro, e chama: «Menina! Está bem?». Silêncio. Alteia a voz que cai ribanceira abaixo: «Sente-se bem?». Vê-se lá de cima a moça petrificada, ao sol. As piores suspeitas acentuam-se: «Estará morta? Deitaram-na pelo declive abaixo e fugiram...».

Olhos postos num lagarto-de-água desconfiado, em cima de uma pedra beijada pela ribeira, a bióloga empenhou-se em

apanhar o réptil. A pesquisa obriga, e sentir o sol tórrido são ossos do ofício. Na mão, um pau com um laço: a ideia é lançar-lho e consumir a captura.

Súbito, ouve o vozerio mais acima. Não quer saber: se se mexe, lá vai a caça! Concentrada, desliga, até que, de repente, alguém a agarra pelo pé. Volta-se e vê um homem assustado, que a larga imediatamente. O estranho treme como varas verdes: «Pensava que estava morta! Julguei que as pessoas daquele carro a tinham atirado cá para baixo! Até tirei a matrícula...». A evocação deixa no ar gargalhadas de Raquel Godinho, bióloga, naquele recanto dos laboratórios do CIBIO\* em Vairão.

Olhar simpático, esta bióloga está disposta a explicar tudo sobre o seu objecto de estudo... com paixão: o *Lacerta schreiberi*. Começamos pelo nome vulgar.

**Lagarto-de-água porquê?**

Raquel Godinho — Porque ele existe sobretudo ao pé de ribeiros e de zonas onde há água, embora não goste de pântanos ou de zonas muito alagadas. E nada?

R. G. — Este lagarto nada muito bem: atravessa um rio sem dificuldade. E mergulha! Mergulha em fuga, escondendo-se no fundo, onde pode ficar alguns minutos sem respirar.

Qual é o habitat da espécie?

O lagarto-de-água pode medir 125 mm de comprimento cabeça-corpo.  
Foto: Jorge Gomes

Texto: Jorge Gomes



R. G. – Este lagarto prefere habitats associados a zonas ribeirinhas, por exemplo, que têm rios com amieiros nas suas margens, fetos, vegetação nativa de lugares húmidos.

No estudo que estamos a fazer na Malcata, notamos que eles estão, no máximo, entre cinco e dez metros de distância do ribeiro – não adianta procurar fora desses limites. Aqui no Norte é diferente: como é tudo mais húmido, há vegetação verde o ano inteiro, e por isso é fácil ver lagartos-de-água um tanto afastados das linhas de água.

Como os encaram as pessoas onde a espécie ocorre?

R. G. – É engraçado. Achem que são filhos do sardão-ocelado: «Ai esses pequeninos, eles são os filhos dos sardões!». Mas há pessoas atentas que dizem: «Sim, sim, os que têm cabeça azul». Nunca alguém do campo me disse que os matava. Aconteceu foi algo diferente uma vez. Estávamos no Gerês, no rio Homem, a apanhar lagartos-de-água para investigação. Houve pessoas que se interessaram pelo que estávamos ali a fazer com uma cana, mas sem ser para peixes. Deixámos as mochilas e fomos rio acima, desaparecemos. Quando chegámos, umas três ou quatro horas depois, já não estava ninguém a tomar banho, e tínhamos dentro de um saquinho um lagarto com a cabeça esmagada e um papelinho a dizer «Foi o único que conseguimos apanhar, os outros fugiram». Por um lado fiquei sensibilizada, mas por outro tristíssima, porque eles tinham morto um...

É mais fácil ver os machos do que as fêmeas?

R. G. – É muito mais fácil. O lagarto-de-água é aquele lagarto que acho lindíssimo, que tem aquela cabeça azul, espectacular, e que nos ajuda a detectar os machos. Eles também se mostram mais. As fêmeas são mais verdes e escondem-se na vegetação. Detectar uma fêmea, se ela não fizer barulho, é difícil, olho para a vegetação e parece que não está lá nada, embora de facto esteja. Mas isso também ocorre porque a fêmea de lagarto-de-água sai menos, expõe-se menos. O macho não: encontramos-lo facilmente exposto em pedras, em troncos. Porquê estudá-lo?

R. G. – O que nos motivou no estudo deste lagarto foi, para além de ser um lacertídeo que só existe na Península Ibérica, ter também uma distribuição peculiar e idêntica à que têm outras espécies endémicas, como por exemplo a rã-ibérica. No Sul, ele existe no que nós chamamos Ilhas Atlânticas, em plena região mediterrânica. No Norte, tem uma distribuição contínua. Quando vamos para o Sul, em Portugal, ele ocorre na serra de Monchique, na serra do Cercal, na serra de Sintra e na serra de S. Mamede, isolado; e em Espanha, na serra de Guadalupe e na serra de Toledo.

Isto faz com que tenhamos a certeza de que numa distribuição antiga, há muitos anos este lagarto ocupou também o Sul da Península Ibérica, provavelmente de forma contínua. Mas

Local onde se vêem ao longo do ano crias de lagarto-de-água, junto do lago dos gansos-bravos no Parque Biológico de Gaia  
Foto: Jorge Gomes



Fêmea de lagarto-de-água: em baixo corre água rumo ao rio Febros  
Foto: Jorge Gomes



com o aquecimento, com as modificações climáticas, ficaram apenas os resquícios do que nós chamamos Ilhas Atlânticas. O que pesquisa na serra da Malcata?

R. G. – Descobrimos que a espécie reúne dois grupos, duas unidades evolutivas distintas, que terão iniciado o seu processo de diferenciação há cerca de dois milhões de anos.

De uma população antiga de lagartos-de-água derivaram duas distintas, mantendo-se a mesma espécie. Também não há subespécies, não há evidências disso. Em Portugal só temos uma dessas linhas evolutivas; no Centro de Espanha há a outra. Curiosamente a divisão destas linhas evolutivas ocorre precisamente na fronteira política, num quilómetro, na serra da Malcata. Mais para cima ou mais para baixo o lagarto-de-água não ocorre. Porquê? Porque não há habitat que os sustente, há demasiado calor. O lagarto-de-água tem requisitos ecológicos exigentes. Ali há uma zona de mistura das linhas evolutivas, mas não muito, e estamos precisamente a tentar perceber porque é que isso acontece. Para esta investigação convidámos alguns investigadores estrangeiros que nos estão a ajudar a estudar esta questão.

O que atrai uma fêmea e um macho?

R. G. – Estamos a tentar perceber até que ponto o azul da garganta é ou não um factor importante, embora se compreenda que, sendo o macho tão colorido, esse é com certeza um factor selectivo. Estamos a tentar perceber se o azul tão evidente tem a ver com a fêmea escolher o macho ou se funciona como competição entre dois machos.

Na Malcata estamos a apanhar os lagartos, a medir a intensidade do azul e a ver se isso traz resultados. Estamos também a testar lutas com machos em terrários de vidro, para ver se eles vão à luta, para termos uma média. Noutros terrários colocamos feromonas de machos do nosso lado da fronteira e de machos do lado da fronteira espanhola, a ver quais as preferências das fêmeas.

Então a selecção sexual não funciona só com estímulos visuais?

R. G. – Não sabemos. Estamos a tentar saber o que realmente se passa ali. Há-de haver qualquer coisa química, mas não sabemos ainda o que será.

Qual é o seu ciclo de vida?

R. G. – Os machos saem mais cedo que as fêmeas. Lá para Março. Um mês depois, saem as fêmeas. Há um período em que coabitam, depois há a reprodução, acasalam em Maio, as fêmeas ficam prenhes e põem cerca de dez ovos e os juvenis vão nascer em Agosto. Hibernam pequenitos em Outubro. O que ameaça mais o futuro deste lagarto?

R. G. – Sobretudo a destruição de habitat. Por exemplo, na zona das Caldas da Rainha e serra de Montejunto as populações estão sob uma pressão humana intensíssima, e em perigo de extinção. Mas há outras preocupações evidentes: a poluição dos rios, a alteração da vegetação nas margens dos rios, a construção de barragens... Quais os predadores da espécie?

R. G. – Cobras e aves basicamente, como búteos, peneiros. Também a gineta e a lontra.

E de que se alimenta?

R. G. – Ele alimenta-se de insectos, caracóis e já foi observado a alimentar-se de alguma fruta.

Como comenta o facto de o Parque Biológico de Gaia ter uma população de lagarto-de-água?

R. G. – Apesar de no Norte de Portugal serem lagartos frequentes, o Parque Biológico de Gaia tem o mérito de manter o habitat que a espécie ocupa. Se se reproduzem, a área tem todas as características necessárias para a existência da espécie, o que é excepcional: numa cidade não é normal ver lagartos-de-água.

\* Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto.

\*\* Feromona - substância química que induz uma resposta sexual em indivíduos da mesma espécie mas de sexo oposto.



Raquel Godinho, bióloga  
Foto: João Luís Teixeira

#### REGISTO DE OBSERVAÇÕES DE LAGARTO-DE-ÁGUA NO PARQUE BIOLÓGICO DE GAIA

2004

20 de Abril - 1 macho, o espécime da fotografia de abertura desta peça.

2005

29 de Abril - 1 macho na quinta de Santo Tusso e 1 cria perto do lago dos gansos-bravos. 11 de Maio - 1 macho a atravessar o caminho junto da quinta de Santo Tusso. 4 de Junho - 1 macho no tanque da Quinta do Chasco. 5 de Agosto - 1 cria perto do lago dos gansos-bravos.

2006

17 de Abril - 1 macho perto do lago dos gansos-bravos e 1 cria distante cerca de 10 metros, no muro. 20 de Abril - 1 cria perto do lago dos gansos-bravos. 21 de Abril - 1 fêmea perto do lago dos gansos-bravos (foto publicada). 4 de Maio - 1 macho perto do lago dos gansos-bravos. 6 de Maio - 1 macho perto do lago dos gansos-bravos. 8 de Maio - 1 macho perto do lago dos gansos-bravos.

Fonte: Arquivo fotográfico PBG/Jorge Gomes



Cria de lagarto-de-água  
Foto: João Luís Teixeira



Macho de lagarto-de-água, no Parque da Lavandeira, em 25 de Abril deste ano. Foto: Alvaro Augusto Correia